

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 273 do 6.º Ano—N.º 23

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da Republica

Guimarães, 17 de Fevereiro de 1916

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesense

Como deve ser a república

Temos, de facto e de direito, a república.

Mas verdadeiramente a república, entre nós, ainda não está feita e é preciso fazê-la.

A república ainda não está feita por ausência de patriotismo e falta de educação, não só das classes dirigentes e preponderantes, mas das classes inferiores da sociedade portuguesa.

Mas, se a república ainda não está feita, urge fazê-la, não só para ressurgimento da pátria, mas por dignidade e decora nacional, para que os estrangeiros não possam pensar nem dizer com verdade que não merecemos a república, e que o nosso país não está ainda preparado e suficientemente educado para se reger por esta forma de governo.

Neste empenho devem corajosamente trabalhar todos os verdadeiros portugueses, todos aqueles que amam sinceramente a nossa pátria e que desejam ver reabilitado o nosso velho Portugal que todos devemos amar; e isto tanto em nosso imediato proveito, como para nos elevarmos no conceito que de nós possam fazer as outras nações.

A verdade é que nem o povo nem as classes dirigentes têm cumprido integralmente os seus deveres de republicanos.

E' que na república há alguns políticos que se dizem e julgam republicanos, que não querem a monarquia, que estão até dispostos a combater qualquer tentativa de restauração monárquica, mas que, não obstante, estas louváveis tendências, achando-se con-

taminados dos mesmos vícios dos políticos da monarquia, não se decidem a fazer calar os seus rivalidades, os seus ódios, os seus interesses individuais, e por isso sacrificam os interesses da nação e o crédito da república.

Nestes cinco anos de república tem ocorrido alguns factos atentatórios da dignidade e crédito da república. E' que não há muitos republicanos sinceros, desinteressados e verdadeiramente dedicados à república.

Na república as leis devem cumprir-se sem sofismas nem desigualdades, não deve haver injustiças nem perseguições, seja contra quem for.

E' preciso que todos os republicanos e até os monárquicos se achem bem adentro das actuais instituições. Só jassim os monárquicos, de sã consciência, poderão abraçar e chegar a amar a república.

A república deve ser um regimen de paz, de justiça para todos, de progresso, de civilização e de engrandecimento da pátria portuguesa.

«A república não se fêz para ser o logradouro dum partido, dum classe ou dum seita; fez-se para ser a forma jurídica da Nação, que os erros, os desvarios e os crimes da monarquia aproximaram do abismo. Quer dizer, a República fêz-se para todos os portugueses, assegurando a cada um a porção de liberdade e de justiça que lhe compete, sem lesão da liberdade e justiça que compete aos outros».

Almoço, embora, o sr. D. Manuel com Mr. Asquith, ou seja distinguida D. Amélia por convites muito affectuosos e cortezes, a verdade é que Portugal, representado pelos governos da República, tem provas tam eficazes do seu prestígio que, diante delas, os citados lambedores régios ficam amesquinçados e reduzidos à sua expressão banal dumas banaes notas de «carteira elegante», encavacando, tornando muda todas as habilidades desses opposicionistas sistemáticos do regimen — os monárquicos.

Fé de mais, ou...

Benedito XV, o chefe da Igreja Católica Apostólica Romana, reformou a Bula, arrejando-a com uma rajada de vento moderno, limitando-lhe bastante os preceitos de abstinência.

Pois, senhores: conhecemos por aí criaturinha tam desconfiada da novidade, que tem escrúpulos católicos de obedecer à nova bula da cruzada, considerando-a pecaminosa.

Tanto podem no bestunio dos pobres de espirito as leis do hábito.

Aspectos da cidade de Guimarães



Forja

O «Dia», no seu papel de confusão e barafunda, é uma forja de boatos. São complicações diplomáticas por causa dos barcos alemães; são complicações diplomáticas por causa do bispo de Tuy; são complicações diplomáticas por causa da igreja espanhola; são complicações diplomáticas por causa... do diabo!

Quem se desse ao trabalho de coleccionar todas... quantas o «Dia» espeta, dia a dia, veriam, veriam como já, em tira quilométrica, essas atoardas haviam passado o Cabo Bojador.

Daí se prova que o seu patriotismo não tem limites, tam des-nacionalizado está.

O plano infernal

O nihilismo, embora gerado no cadinho do ódio e da destruição, teve na Rússia a sua forte e honesta razão de ser—tam secular e tam ilimitada era a tirania dos Trepofs. Mas em Portugal! Só a demência, só o fanatismo dos que copiam mal o sonho da anarquia, dos que não interpretaram, já não diremos Croyokine, mas o próprio Bakonine que segue a escola de propaganda pelo facto.

Lisboa esteve, sob o plano dum grupo de dementados, condenada a ser arrazada—pela bomba, pelo punhal, pelo saque.

E, coisa singular das oposições ao governo: era a fome e não a maldade quem assassinava politicas e assaltava estabelecimentos!...

Nem assim!

A todo o momento se diz que os católicos, não obstante o seu actual divórcio das hostes conspiratórias, são, na sua grande maioria, monárquicos. Cá no Minho sucede efectivamente isso.

O católico minhoto, a massa rural por excelência, é católica—daquele catolicismo que não discorre, não quer discorrer mesmo se não pelo que lhe reza a cartilha do seu abade.

Ora o abade é sempre o último a aceitar o progresso politico.

E' observar o seu papel na historia do constitucionalismo. D. Miguel era o seu rei! Mas as ordens do Vaticano, desta vez, são adversas à tendência monárquica dos abades.

Delírio das cores

Hoje como ontem, na travessia dum regimen para outro regimen, as cores simbolisantes da idea que triunfa tiveram sempre os seus adoradores e os seus fanáticos. Assim como as religiões não dispensam a sua liturgia própria, também as revoluções que atingem o seu advento de vitória não passam sem o seu cultualismo de fórmulas exteriores. O sentimento popular, a força instintiva das multidões é pela encarnação idealista dos símbolos que melhor se integra e comunica com uma causa.

Em França, nas diversas facções que agitam e fazem a grande revolução, todos usam as suas cores simbólicas, como pelas suas cores se batem as diversas hostes que doutrinizam princípios de resgate e emancipação social. E, coisa singular! Neste certamen policromo, onde a bizarría das cores bate o record da fantasia mais extravagante que possa imaginar-se, todos acham que as cores da sua irmandade ou do seu credo são admiráveis de combinação estética, de gosto e de espiritualização.

Mas não é propriamente desta comunhão das cores que queremos tratar. Apenas queremos salientar o exhibicionismo daqueles que mentirosa e ardilosamente se pintalgarão por fora de vermelho e verde, num atarantado e febril delírio de adesão ao Sol Nascente. Esses, suos, é que merecem destaque crítico—porque são a hipocrisia, porque são o nojo!

Aqueles que repararam em azuldejarmos a casa de azul e branco e que não mostremos ao pescoço uma gravata vermelho e verde, esses são os que, coitados!, não tendo nas veias nem pinga de sangue republicano, todos se esforçam por aparentar num exhibicionismo exterior... o que não

souberam gerar e jámais sentiram dentro em si!

Lembram, salvo seja, aquele célebre Teles Jordão dos tempos do Senhor Dom Miguel 1.º —que mandára tirar uns azulejos dum templo só porque nelles figurava a imagem da virgem de manto azul e branco e as cores miguelistas eram vermelho e azul. (1)

Deixemos correr o deboche das cores e desconfiemos daqueles que tanto e tam estupidamente se fazem apologistas das mesmas, pois que é isso claro e insofismável sintoma de refinadas aparências.

(1) No braço d'armas da cidade a virgem da Oliveira tem as cores miguelistas.

LITERATURA VESGA

Damos hoje aos nossos leitores um trecho «selecto» da mensagem importada dos Brasis com destino ao... «herói libertador da Europa inteira» —o sr. João Franco.

Foi dessa mensagem, sem nexo, feita em esolo altissonante, nefelibata, que seiu o «sobriquet» de talassa dispensado aos partidários do trágico ditador.

Para os efeitos de arquivo, transcrevemos o apreciado naco:

«Talassa! talassa! O mar! O mar! Eis o grito de entusiasmo com que os de Xenofonte saudaram, no ponto Euxino, a redenção. Um governo! um governo! Eis o brado unisono com que Portugal, funda gloriosa das Quinas, balsão acromático de D. Afonso Henriques, o mestre de Avis e Mouzinho de Albuquerque, alcandorada epopeia de Vasco da Gama, Cabral, Magalhães e quantos, berço de heróis. Leão dos Mares, soldado de bronze,—sauda, felicitando-se com V. Ex.ª— a redenção no governo Franco Castelo Branco.»

Verdadeira prosa maníaca, verdadeiro abôrto sem pés nem cabeça—como só o joanete da alma franquista era capaz de inspirar!

ECOS

Registo Civil

Foi, enfim, apresentado um projecto tendente a facilitar e embaratecer os importantes serviços do Registo Civil. Os professores primários, segundo o projecto, serão os encarregados, nas aldeias, dos postos, trazendo isso para o público a vantagem de tais postos serem mais numerosos e o acto revestir-se de mais decência.

O empréstimo

Foi levado a efeito pelo actual ministro das finanças sr. dr. Afonso Costa um empréstimo de 2 milhões de libras, contratado com o governo inglês. As condições, porém, dessa operação, sem caução, como só se costuma fazer com nações poderosas, honra sobretudo o nosso país e veio patentear mais uma vez aos inimigos da República que os seus uivos de descrédito não fazem eco lá fora.

Mais papistas que o Papa!...

A simpática, a patriótica, a utilíssima, a educadora Festa Nacional da Arvore é condenada pelo «Echos...»

Que diz este jornal para demonstrar o fundamento da sua condenação? Nada diz, a não ser isto: que «a festa da arvore é uma festa pagã».

Quem é o director do «Echos...»? E' o sr. António de Carvalho Cirne, também presidente da Associação dos Proprietários e Lavradores—instituição que tem em vista fomentar a riqueza agrícola.

Fará, pois, sentido que o seu jornal condene a propaganda da arborização no nosso país—se a arvore é não só saúde e beleza, mas também riqueza agrícola?

Acaso a soma enorme de benefícios que da arvore provêm serão regeitados pela lavoura, só porque são o fruto dum hora de festa?

Bem sabemos que o jornal não é órgão da associação supracitada. Mas faz sentido que o seu director diga aos seus consócios que a arvore é benéfica e diga respectivamente aos seus leitores, que a arvore é maléfica—quando plantada com música, cânticos e foguetes?

Quem o acreditará, se todos sabem que a festa feita à volta dum arvore nunca pode influir-lhe na raiz, visto estar provado que só o adubo tem essa efficácia? Se, portanto, a Associação dos Lavradores só cuida do fomento agrícola e relega para longe de si equívocos de religião católica como é que pode o seu primeiro representante evocar esses equívocos da sua catholicidade, para, em nome deles, condenar a plantação das arvores?

Confessemos que não faz sentido um tal dualismo de aspectos na mesma pessoa.

Como presidente da Associação aceita os benefícios das arvores, é obrigado mesmo pelos estatutos a promover toda a propaganda de quantos meios se inventem para lhes dilatar os seus domínios; como director do «Echos...» repudia esses mesmos benefícios e vai mais longe: não só por si os repudia, mas quer que os outros façam outro tanto!

Estranha e incongruente posição a do sr. António de Carvalho Cirne!

Mesmo a admitir-se que s. ex.^a pudesse, sem ofensa da sua dignidade e do seu pudor, bipartir-se, sendo *materialmente* amigo da arvore na Associação e *espiritualmente* inimigo da arvore no jornal; mesmo a admitir-se que a lógica tolerava uma semelhante confusão do mesmo eu individual, ainda assim, com mil diabos! não vemos em que perca a simpática, a patriótica, a humaníssima, utilíssima

ma, a educadora Festa Nacional da Arvore!

Chama o «Echos...» a esta lição de alto e pratico civismo—«uma festa pagã»!

E' o, de facto? A resposta dá-lha o «Echos do Minho», diário católico, em artigo que adiante publicamos, e com ela, se fôr prudente, se deve contentar o «Ecos de Guimarães», que é apenas um semanário monárquico.

Essa resposta é, sem dúvida, a mais eloquente e a mais insuspeita—a não ser que os monárquicos, por causa da sua tenebrosa política, queiram fazer-se mais papistas que o Papa.

Se assim fôr, se um tal desmiolamento ou torpe especulação se verificar, então cá os esperamos, se o seu descorrimiento não se limitar às expressões banais dos argumentadores encravados...

Cantina Escolar Vimaranesense

Balancete mensal do estado financeiro da Cantina, relativo a Janeiro findo, alinea f) do artigo 5.^o dos Estatutos:

Recelta.	
Saldo de Dezembro	1.563\$86
Da Junta de paróquia de Creixomil.	5\$00
Do cobrador.	6\$40
Total da recelta.	1.575\$26
Despesa.	
Import. de pão de milho	13\$05
Idem de pão de trigo	1\$86
Pago á mercearia	14\$00
Imp. de farinha de pau	3\$06
Despesas miúdas diárias da cozinha.	10\$77
Ordenado da cozinheira	2\$52
Idem da servente	1\$65
7% ao cobrador.	3\$45
Total da despesa.	45\$29
Saldo que passa para o mês seguinte, sendo 1.500\$00 na caixa económica.	1.529\$97
O TESOUREIRO,	
L. A. de Pina Guimarães.	

Uma Associação... de «malfeitores!»

Em 1913, tendo sido organizada em Lisboa a «Associação Protectora da Arvore», foram seguidamente votados os seus estatutos, cujos pontos fundamentais são os seguintes — e outros não tem senão na cabeça dos falhados e dos maus:

a) Fazer a propaganda intensa a favor da arborização por meio do livro, da imprensa, de conferências, de excursões, de consultas técnicas e ainda do bilhete postal.

b) Promover junto do Parlamento, dos governos, das corporações administrativas e particulares, o desenvolvimento da arborização do país, incluindo pedidos para cedência de terrenos destinados a jardins-escolas.

c) Angariar donativos e subsídios para fornecer sementes e arvores aos particulares e colectividades.

d) Combater os inimigos naturais da arvore, propagando os meios profiláticos e curativos, bem como proteger as aves e outros animais úteis á agricultura.

e) Promover festas regionais de plantação de arvores e exposições agrícolas em todo o território da República.

f) Prestar auxílio á policia florestal e rural para que sejam cumpridas as leis e regulamentos em vigor, e fazer com que sejam votadas outras que se reconheçam necessárias.

Eis os fins da «Associação Protectora da Arvore», fins que se coadunam com todos os principios philosophicos, religiosos e politicos, visto que o seu unico, o seu exclusivo, o seu claro intuito é promover a defesa e o interesse pela arborização, arborização tam necessaria á vida económica deste país, onde tantas regiões incultas e abandonadas existem.

CATÓLICOS, OUVI!...

A FESTA DA ARVORE

Tem os católicos, nomeadamente os católicos desta terra, combatido de anti-religiosa a Festa da Arvore. A imprensa entre nós tem por sua vez fortalecido esta opinião, trazendo isso como resultado o sistemático afastamento das nossas damas á festa e o estúpido e acintoso corte das pobres arvores plantadas por essa ocasião.

Desacompanhados temos vindo combatendo esses prejuizos, e desacompanhados continuamos orientando e esclarecendo entre nós, não só o mesquinho e obtuso critério das nossas damas—daquelas damas que fecham as vidraças á passagem do cortejo infantil que vai divinizar e homenagear Deus plantando arvores—como também os arboricidas que em nome da reacção católica cortam essas arvores abençoadas pelos canticos e pelos risos da infância escolar.

Prosseguindo nessa obra de esclarecimento e de educação, oferecemos hoje ás ditas bonzas criaturas um sensatissimo e inteligente artigo do católico «Ecos do Minho», e cujo grifo nos pertence:

«Embora se pretenda muitas vezes paganisar a festa da Arvore, ela não tem um carácter essencial de paganismo e rebeldia, antes pelo contrario. Quantos benefícios lhe devemos! Purifica-nos o ar que respiramos; embalsama o, regalando-nos o olfato com os aromas das suas flores; brinda-nos frutos suavissimos e depois ofertanos a lenha que queimamos em tantos usos, e a sua madeira para os mais variados artefactos. E' nos aprazível sombra na estação calmosa, é berço da nossa infância, esquite na sepultura. Boiando sobre as águas transporta-nos a outras paragens além dos oceanos: é pavimento em nossas casas, mesa em nossas habitações, porta em nossos sacrários...»

E' para nós, pois, cristãos, respeitável e amável a arvore que tem tam excelsa origem. Deus as fês, para utilidade nossa; para utilidade do homem, o ser pensante a quem foi dada a posse de toda a criação.

Mas embora nem sempre se tenha em vista este preito de gratidão a Deus, não é de si reprovável a festa da Arvore. E' altamente louvável ensinar as crianças a amá-la e respeitá-la, porque esse «culto» á arvore é fecundo em ensinamentos sociais.

Carestia da vida

Subsistências

A autoridade administrativa dirigiu uma circular aos proprietários lavradores no sentido de apurar saber quais as quantidades de milho de que podem dispôr para a venda. Pelas respostas colhidas, a mesma autoridade espera poder abastecer o mercado daquele cereal, sem grandes oscilações de preço.

A letra da circular diz que todos devem ter a consciencia da critica hora presente, contribuindo cada um, dentro das

Ensina-nos, em primeiro lugar a gratidão, pelo reconhecimento dos benefícios que a arvore devemos. Agradecidos, pois, devemos ser a tam carinhosa benfeitora, e agradecidos a Deus, que no la deu.

Ensina-nos também o altruismo: devemos essa lição á arvore. Daqui a cem, duzentos, trezentos anos, não existiremos, ninguém, talvez, se lembrará de nós, e todavia os vindouros gosarão os frutos das arvores que plantamos. Esta lembrança, que nos obriga a pensar nos outros, desperta uma infinidade de pensamentos nobres e tem no vocabulário cristão o nome de caridade.

Ainda um outro ensinamento social: a solidariedade. Juntamos, para plantarmos e cuidarmos do arvoredo: porque? Porque somos irmãos todos os homens, porque todos nos devemos auxilio mútuo. A arvore nos apregoa ainda este ensinamento.

Qual deve ser o papel dos cristãos, portanto, diante da festa da Arvore? De grande simpatia, e também de vigilância para que, a não ser cristã, pelo menos se não converta, como tem sucedido, em comícios anti-religiosos. Não censuramos, sequer, que não se espiritualize a festa; não é intrinsicamente mau tocar música, queimar foguetes, plantar arvores e discursar sobre matérias politicas ou sociais. Mas o que não podemos consentir é que com tal pretexto se insultem as crenças religiosas. Isso, não!

Vimos, pois, com muito agrado que a Juventude Católica desta cidade se propunha cooperar com a propaganda em prol da arvore. Fará a Juventude a sua festa?...

Melhor, todavia, melhor noticia nos veio de Guimarães. Está lá formada a comissão para a festa da Arvore, e a ela pertence o nosso zeloso e dedicado correspondente, honra que muito agradecemos. E na sua primeira reunião deliberou-se pedir a cooperação da Juventude e outras associações católicas daquela cidade, o que elas certamente prestarão jubilosas como lhes cumpre. Devem-no á ordem social, e tomando esta festa da Arvore um tal cunho official, aos católicos pertence não denegar o seu concurso, pois representa o reconhecimento da força moral das grandes ideas revigorizadoras a que se devotam as nossas associações.

Certamente que em Braga se há-de tratar também da festa da Arvore. Oxalá sigam o belo exemplo da vizinha Guimarães, convidando as beneméritas associações católicas... a aliarem seus esforços em tam justa cruzada!

suas condições, para a melhor solução do magno problema.

E' louvável este apelo da autoridade administrativa, como louvável será toda a solidariedade que lhe ofereçam, detentores e consumidores, para o efeito de esta melhor poder resolver as múltiplas dificuldades da conjuntura.

Da importante freguesia de Lordelo vieram, em bando e ordeiramente, pedir providências á autoridade algumas centenas dos seus habitantes, formulando perante ela as suas queixas por terem pairado sobre os celeiros e tuilhas dos lavradores o bicho daninho do regatão açambarcador. A au-

toridade acolheu os seus protestos e prometeu providenciar.

Do arrolamento de milho a que a autoridade vem procedendo, ficou-se sabendo que as quantidades manifestadas até hoje sobem a 364:020 litros, ou sejam 455 carros.

Algumas câmaras municipais, nomeadamente a de Santo Tirso e Póvoa de Varzim, projectam criar—celeiros municipais.

A convite do sr. administrador, compareceram ante ontem na administração do concelho os regedores das freguesias rurais, afim de receberem as necessárias instruções para o arrolamento do milho existente em cada freguesia. Este trabalho, que principiou ontem, é feito em presença do presidente da junta de paróquia, do regedor e dum delegado da autoridade.

O regedor da freguesia de Vila Nova das Infantas, deste concelho, comunicou ao sr. administrador que o povo daquela localidade apreendeu, na noite de segunda para terça-feira, cinco carros de milho que se dirigiam á estação do caminho de ferro de Fareja.

Visto este facto se ter dado depois da publicação do edital que a seguir publicamos, a autoridade administrativa ordenou que dois carros daquêle cereal fôssem ali vendidos ao preço de 50, por a apreensão ser feita de noite e que os restantes fôssem transportados para a administração do concelho.

Pela administração do concelho foi publicado o seguinte edital:

«António Caires Pinto de Madureira, tesoureiro de finanças de 1.^a classe e administrador do concelho de Guimarães, faz saber que perigando a ordem pública por motivo da carestia do milho e sendo rigorosamente prohibida a exportação deste cereal, toda e qualquer porção deste encontrada na via pública e apreendida por falta da competente guia de trânsito, passada por esta administração, será vendida no mercado, se a apreensão se fizer de noite, ao preço de 50 os 20 litros, e se se fizer de dia ao de 60.

Para constar mandou passar o presente edital e eutros de igual teor, que vão ser afixados em todos os lugares públicos do concelho.

Guimarães e administração do concelho, 14 de Fevereiro de 1916. E eu Manuel de Freitas Aguiar, secretario, o subscrevi.—António Caires Pinto de Madureira».

Aviso—São falsas as notas:

50\$00—B. S.—o,1361
20\$00—S.—10789
10\$00—A. R.—o,3153
10\$00—H. P.—09325
5\$00—T.—19726

As notas do 5\$00 do tipo antigo são trocadas até ao dia 20.

A decadência do riso

Nós, com efeito, filhos deste século sério, perdemos o dom divino do Riso. Já ninguém ri! Quasi que já ninguém mesmo sorri, porque o que resta do antigo sorriso, fino e vivo, tam celebrado pelos poetas do século XVIII, ou ainda do sorriso lânguido e húmido que encantou o romantismo—é apenas um desfranzir lento e regelado de lábios, que, pelo esforço com que se desfranzem, parecem mortos em de ferro.

Eu ainda me recorde de ter ouvido, na minha infância e na minha terra, a gargalhada—já a antiga gargalhada, genuína, livre, franca, resoante, cristalina!... Vinha da alma, abalava todas as vidraças duma casa, e só pelo seu toque puro provava a força, a saúde, a paz, a simplicidade, a liberdade!

Nunca mais a tornei a ouvir, esta gargalhada magnífica da minha infância. O que hoje se escuta, ás vezes, é uma casquinhada ou uma cascalhada (por ter o som do cascalho que rola), seca, dura, áspera, curta, que vem através de uma resistência como arrancada por cócegas, e que bruscamente morre, deixando as faces mudas frias, já a risada do nosso século! E o que mais dolorosamente a caracteriza é essa resistência que se lhe opõe, a pressa ansiosa de a recalçar e de a sufocar como ruído importuno e incongenere com o nosso estado d'alma. Ninguém ri—e ninguém quer ri. Temos todos o indefinido sentimento de que o riso estridente e claro destoa na atmosfera moral do nosso tempo. O ris de Luthero, que se ouvia no fim das longas ruas de Worms, o ris do grade Leonardo de Vinci, que fazia tremer os marmores, seriam hoje actos de impertinência e de irreverência. Que olhares de surpresa e censura não provocava, numa multidão, num teatro, alguma gargalhada que tenha ainda por acaso o brilhante e são retinir do riso antigo.

Coisa monstruosa! Nós ensinamos os nossos filhos a supressão disciplinar do risol! "Filho, que risada essa! Tem juizo! não rias assim!," Todos os dias estas repreensões, ternas e graves, abafam nos nossos lares a alegria das nossas crianças, que, tendo apenas emergido da santa natureza animal, conservam ainda, animal e santamente, le rire qui est le propre de l'homme.

EÇA DE QUEIROZ.

O MATRIMÓNIO

*De banza a tiracolo e capa é trocado,
Eu nunca fui cantar endeixas amorosas,
Lirismos de Romeu junto aos balcozes em flor,
Por sob o luar dormente e as nuvens vaporosas,*

*Tam pouco tenho a lida airon aristocrática,
Da fina flor do tom, os dandis adamados
Que andam pelos saltes, monoculando, à cuta
Dum dote que lhes unte a pança de cuidades.*

*Tenho, como qualquer, a aspiração do ideal
Duna noiva gentil, dum ninho conjugal;
Mas tudo se desfaz se penso um só momento*

*Neste quadro baual, depois do casamento:
O sogro, a sogra, a esposa, um filho já talado
E eu, muito aborrecido... a olhar p'ro aquillo tudo,*

Augusto Gil.

FILHO DE TIO

Diálogo entre dois personagens num auto do Poeta Chiado, o popular frade franciscano do século XVI:

P—... Vem cá; donde és natural?

R—Donde quer que me acho.

P—Pergunto-te onde nasceste?

R—Nas mãos das parteiras.

P—Em que terra?

R—Toda a terra é uma! E mais, eu nasci em casa assobradada, varrida daquela hora, que não havia palmo de terra nela.

P—Bem varrido de vergonha, que tu me parece. Diz, cujo filho és? E para ver com que disparate respondes.

R—A falar a verdade, parece-me a mim, que eu sou filho de um meu tio.

P—Vem cá; de teu tio? E isto, como?

R—Como isto, senhor, é adivinção, que vossas mercês não entendem. Meu pai era Clérigo, e os Clérigos sempre chamam aos filhos sobrinhos; e daqui me ficou a mim ser filho de meu tio.

Hist. da Lit. Portuguesa.

A herança "católica," dos monárquicos

E' sabido como os monárquicos se teem fartado de chamar herejes e maçónicos aos republicanos; é sabido como eles, os amigos do rei, teem feito a sua política fingindo-se mui tementes a Deus. Por este modo tentaram os monárquicos engodar, chamar ao seu redil conspiratório as gentes ingénuas e devotas do país; mas é também sabido como estes falsos defensores do altar foram desmascarados pelos mesmos católicos, que, a tempo, lhe deram com o disfarce satânico—embora se fizessem roliços meninos de côro ajudando à missa.

E agora que eles estão de calva a amostra, não deixará de ser interessante observar as críticas que nos primórdios da monarquia constitucional acompanharam os precusores desse sistema—o regimen degenerado pela liquidação e pela protéria, e que os monárquicos dos nossos dias mais degenerado tornam ainda... Por essas críticas se verá que, quando os mo-

nárquicos de hoje chamam herejes e maçónicos aos republicanos, é porque de todo estão esquecidos da herança que os precede—pois ninguém foi mais acusado com esses epitetos de herejes e maçónicos que os arautos do regimen monárquico constitucional.

Revertamos à época do sr. D. Miguel I, guiados pela mão de Oliveira Martins.

Os sublevados contra o governo de D. Pedro IV, guiados pelo marquez de Chaves, gritavam deste modo nos seus jornais:

"Cessem os horrores da anarquia, esconda-se a tenebrosa perfidia, acabe neste momento a infame e desoladora maçonaria... O marquez de Chaves não é um anjo, mas um frágil instrumento com que o Altíssimo quer derrubar o colosso da impiedade."

Como os monárquicos de hoje,

que se julgam a maioria do país, também os que então os combateram diziam: *"vimos reunir em torno do altar do nosso Deus e do trono dos nossos Afonsos as 99 partes da nação portuguesa escravizada e envilecida por um punhado de rebeldes, ambiciosos, ingratos, fementidos e ímpios setários do mais monstruoso ateísmo."*

Emigrados em Espanha, os miguelistas dali enviaram aos padres adeptos proclamações com tiradas como esta:

"Com a imagem do Redentor na mão esquerda e com a direita empunhando a espada, sede o ante-mural da Religião! Cortai a cabeça aos ímpios Holofernes! Caia por terra o ímpio e infame mação! Sacerdotes, a causa é toda vossa!... Correi, pois, às armas! Deus de Afonso Henriques! vingai no sangue impuro dos malvados as afrontas e violências."

Os conspiradores monárquicos de hoje teem repetido, em diversas conjunturas, o apêlo do miguelismo contra os "inimigos de Deus e de Israel", que foram os seus precusores, e o púlpito algumas vezes se tem aproximado daquele sermão dum frade miguelista que, apoplético, assim imitava o seu rei que o ouvia:

"Senhor! em nome daquele Deus ali presente, em nome da Religião, peço a V. M. que dê cabo dessa vil canalha liberal, porque são ímpios e pedreiros! E saiba V. M. que há três meios de dar cabo deles: enforcá-los, deixá-los morrer de fome nas prisões e dar-lhes veneno—veneno, senhor!"

Referindo-se o mesmo frade a Lisboa, lembra-nos em nossos dias Alpoim no "seu Janeiro":

"Oh! Lisboa, Lisboa! quando me lembra o crescido número de mações e ímpios que profanam o teu vasto recinto..."

O conde de Basto, furibundo miguelista, por sua vez propunha isto:

"Expulsar a pedreirada de todos os empregos," porque, acrescentava elle, "os pedreiros aspiram mais que tudo, a honras e dinheiro, e, quebrada esta mola, dizem facilmente um adeus eterno à maçonaria."

A demagogia tonsurada, denunciando "o dragão maçónico", representado nos constitucionais, interrogava:

"Quem há que não aprobe o nosso Miguel cá da terra, aferrolhando nos calabouços essas feras envenenadas pela patifaria bestial do vírus maçónico?"

Vinham depois uns bilhetinhos distribuidos à confissão pelos párocos, como já em nossos dias o fizeram em orações e cânticos outros adeptos da rialeza:

"Izabel, rainha de Portugal, livra o teu reino dos ímpios pedreiros e conhece o mundo que o teu neto Miguel está sob a tua protecção."

Nas linhas de fogo, a quando do cerco do Pôrto, a soldadesca gritava das suas trincheiras aos sitiados:

"Desgraçados! nem padres tendes que vos confessem!"

Tal foi o modo como os constitucionais foram combatidos pelos seus adversários miguelistas. Os monárquicos de hoje, esquecidos da pecha de maçónicos que sofreram os precusores da primeira constituição monárquica, repetem o mesmo estribilho contra os republicanos.

¿Converter-se iam os herejes de ontem?

Não consta. Ou antes: consta apenas, pelo que diz o padre Silva Gonçalves, o Padre Meireles, o "Ecos do Minho", a "Liberdade", o "Imparcial", de Coimbra, etc.,—*que a República é preferível à monarquia que eslava!*

FESTA NACIONAL DA ARVORE

EM GUIMARÃES

No próximo dia 27 deve realizar-se em todas as cidades, vilas e aldeias do país a Festa Nacional da Arvore. Oportunamente publicaremos o programa circunstanciado da que é levada a efeito nesta cidade, podendo desde já afirmar-se que a simpática solemnidade revestirá entre nós brilhantismo e imponência.

Os seus números principais constam do seguinte:

Cortejo cívico, cerimónia da plantação, espectáculo desportivo, merenda às crianças de todas as escolas e sessões cinematográficas.

Tomam parte nesta festa, a Câmara Municipal, todas as associações de classe, centros e corporações representativas, Juventude Católica e Círculo Católico de Operários, Instrução Militar Preparatória, autoridades civis e militares, etc. A comissão organisadora é a seguinte:

José Fernandes Guimarães (pela câmara), Luiz Gonzaga Pereira (pelo Ensino Particular), Albino Pereira Cardoso (pela Junta de Paróquia), António Faria Martins (pela Juventude Católica), M. Branco (pelo Círculo Católico), José da Silva Ribeiro Salgado (pelas Associações Operárias), M. A. Ribeiro Miranda (Inspector Escolar), A. L. Carvalho (pelo Conselho de Assistência), D. Maria da Conceição Miranda de Barros, D. Maria Odette Freitas Guimarães, D. Maria Amélia Sampaio Fernandes, D. Aida Teixeira Mendes de Souza, Joaquim de Almeida Guimarães, Henrique Matos e Joaquim da Silva Godinho (pelas Escolas Centrais), Artur Fernandes de Freitas (pela imprensa—"Ecos do Minho"), Major Araujo (pela Instrução Militar Preparatória) e Francisco Gonçalves da Cunha (pela Empresa Cinematográfica).

Preços dos cereais

Os preços dos cereais no último mercado foram os seguintes:

Milho branco, o alqueire	50
" amarelo "	78
" alvo "	90
Centeio, "	98
Feijão branco	130
" moleiro "	130
" amarelo "	80
" fradinho "	100
Painço	130
Butatas	80
Galinhas uma	50
Ovos dúzia	18

Centro Democrático Vimaranesse

AVISO

Convido os sócios do Centro Democrático Vimaranesse a reunirem-se na sua sede social, Largo 1.º de Maio, no dia 22 do corrente, pelas 21 horas, afim de se dar cumprimento à 2.ª parte do artigo 15.º dos Estatutos—apresentação de contas, sua discussão, apreciação dos actos da direcção cessante e posse aos novos eleitos.

Se não comparecer número legal de sócios, efectuar-se há no dia seguinte, no mesmo local e à mesma hora, com qualquer número deles presentes.

Guimarães, 11 de Fevereiro de 1916.

O 2.º Secretário da Assembleia Geral,
José Rodrigues Leite da Silva.

Noticias

Dr. António José da Silva Bastos—Completamente restabelecido duma operação a que no Pôrto teve de sujeitar-se, regressou a esta cidade, na semana passada, o sr. dr. António José da Silva Bastos Júnior, notário e advogado nesta cidade.

Taxa das instalações eléctricas—Foi prorogado até 4 de Março o prazo para pagamento das taxas das instalações eléctricas referentes ao ano de 1915.

Notário—Foi nomeado notário interino na paróquia de Cãdelas, desta comarca, o sr. António Dias de Oliveira.

Carreira diária entre Guimarães e Fafe—Desde ante ontem que a viação Cosme estabeleceu uma carreira diária entre Guimarães e aquela vila, a qual sairá desta cidade ás 16 horas, regressando de Fafe na manhã do dia seguinte.

Preço dos medicamentos—O "Diário do Governo", de 5 do corrente, publicou a tabela das alterações provisórias ao actual regimen dos preços dos medicamentos, as quais importam um considerável aumento dos preços em vigor oficialmente. Todos os medicamentos não incluídos naquella tabela são aumentados 30 por cento sobre os actuaes preços.

Um homem morto à paulada—No domingo passado, pelas 22 horas, foi morto, à paulada, no lugar de Salgueiros, freguesia de S. João deste concelho, o sr. António Pereira de Moraes, casado, proprietário, ali residente.

O suposto criminoso chama-se Alvaro de Azevedo, que depois de praticar o crime se pôz em fuga.

Descanço das farmácias

Está aberta no próximo domingo a farmácia do Hospital.

CASAS

Vendem-se duas na rua Francisco Agra (Santa Luzia) com os números 112 e 114. Trata-se na rua Nova do Comércio, 78.



Casa Penhorista Vimaranesense

Fundada em 1880

Propriedade de **PEIXOTO & ROCHA**

Legalmente habilitados

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de crédito

Rua da República, 144—GUIMARÃES

OS JESUITAS (1)

O seu catecismo

A *Mónita Secreta* é o catecismo secreto dos Jesuitas, que, interessados nisso, tem negado o texto respectivo.

Este documento foi colleccionado sobre o manuscrito latino proveniente da successão do padre Brothier, último bibliotecário dos jesuitas de Paris antes da revolução, e está conforme à edição de Paderborn de 1661, assim como ao manuscrito autêntico que se encontra nos arquivos do reino da Bélgica, no palácio da justiça de Bruxelas, sob o seguinte título:

Secreta mónita ou avis secrets de la Société de Jésus (2).

Eis a história deste manuscrito, ao qual falta uma folha, e que está catalogado sob o número 730.

Por ocasião da expulsão dos jesuitas, em 1773, esta ordem possuía nos Países Baixos, entre diversas propriedades importantes, um colégio em Ruremonde, provincia do Limburgo holandês. O governo nomeou uma comissão para tratar da liquidação dos bens da Companhia, e o conselheiro Zuytgens foi enviado especialmente a Ruremonde, a fim de proceder ao inventário.

Sendo, porém, suspeito de pretender, por complacência para com os padres, esconder certos livros, recebeu da Comissão or-

dem expressa para remeter imediatamente e sem excepção todos e quaisquer papeis. Entre elles foi encontrado o manuscrito da *Mónita Secreta*.

A prova de tudo isto acha-se nos arquivos de Bruxelas, no *Protocolo das deliberações do comité estabelecido para tratar dos negócios resultantes da supressão da Sociedade dos Jesuitas, nos Países Baixos*.

A *Mónita Secreta* divide-se em capitulos, dos quais vamos, em resumo, dar as principais instruções:

CAPITULO PRIMEIRO

Para captarem as simpatias dos habitantes da povoação em que pretendem estabelecer-se (os jesuitas) torna-se necessário praticar actos da maior humildade, visitando os pobres, os aflitos, os prêsos, fazendo-se amar pela prática de acções caritativas, dando esmolas aos pobres; não adquirir terreno senão a título de empréstimo e extorquir às viúvas ricas as maiores somas, fazendo-lhes ver a sua extrema necessidade.

CAPITULO SEGUNDO

Travar relações com as pessoas principais da povoação e animá-las, mesmo nas suas acções odiosas, para depois se fazerem seus protectores e aliados; captar as graças dos príncipes e dos seus criados, oferecendo a estes pequenas dadas para conhecerem as inclinações dos amos; descobrir os pensamentos mais secretos das famílias por meio das criadas de quarto.

CAPITULO TERCEIRO

Procurar a protecção dos poderosos, empregando-a contra os inimigos da Companhia e servir-se, em segredo ou tacitamente, dos nomes dos grandes na aquisição de bens temporais.

CAPITULO QUARTO

Não se intrometer nos negócios públicos, metendo porém neles amigos dedicados e poderosos; pesquisar e publicar com prudência as faltas dos outros religiosos, fazendo opposição áqueles que pretendam fundar escolas para instruir a juventude.

CAPITULO QUINTO

Evitar a instalação das escolas estranhas à Companhia, a quem deve ser

exclusivamente confiada a mocidade, fazendo-se crer aos príncipes e aos magistrados, que só o seu ensino evitará a perturbação dos estados.

CAPITULO SEXTO

Escolher, para visitar as viúvas, padres de uma compleição viva e de conversação agradável; afastar as viúvas da vida mundana, modificando prudentemente a direcção da sua casa, fazendo com que pouco a pouco se vão despedindo os seus criados para serem substituídos por outros dedicados à Companhia; aconselhá-las a que se vão confessar amudadas vezes para irem conhecendo o seu modo de pensar; defender as vantagens do estado de viuvez e mostrar os inconvenientes do casamento, propondo-lhes pretendentes que sabem que as viúvas odeiam, caluniando aquêles que lhes pretendem agradar e impellido o convívio com os homens.

CAPITULO SÉTIMO

Habituar as viúvas a darem todas as semanas uma esmola para Jesus Cristo, para a Virgem Santa, para outro qualquer santo ou igreja, até que sejam inteiramente despojadas das primicias e despojos do Egipto, deixando-as entrar no jardim e no colégio, contanto que isso se faça secretamente, permitindo-lhes que se recreiem em segredo com aquêles que mais lhe agradarem.

Se fizerem voto de castidade, que o renovem duas vezes por ano, segundo o nosso hábito, concedendo-lhes nesses dias um recreio honesto com os nossos; tratá-las com meiguice nas confissões e fazer com que ellas deixem de visitar as outras igrejas e governar-lhes a casa em segredo. Os confessores deverão guiá-las de forma que paguem ordinariamente penções e tributos anuais às casas professas, para que prodigam, especialmente à casa professa de Roma, saldando-lhe as dvidas.

CAPITULO OITAVO

Aconselhar as mães a que recusem aos filhos vestidos luxuosos, mostrando-lhes as dificuldades do casamento e os encantos do celibato, conduzindo-as por forma que façam aborrecer as filhas de viverem com as mães e pensem em se fazerem religiosas, praticando o mesmo com respeito aos filhos.

CAPITULO NONO

Os confessores dos poderosos, dos reis, das viúvas, não devem deixar escapar ocasião alguma de adquirirem bens temporais e recebê-los logo que lhes sejam oferecidos; indagarão dos penitentes o seu nome, a sua família, os seus parentes, os seus amigos e a sua fortuna; informar-se-hão das suas successões, do seu estado, das suas in-

tenções e resoluções; torná-los-hão favoráveis à Companhia, fazendo o mesmo com os burguezes ricos e casados sem filhos, dos quais pode vir a ser herdeira. Quando um confessor encontrar uma penitente de fortuna avisará logo o reitor e procurará por todos os meios captar-lhe as simpatias. Quando um individuo tiver um filho único, deve inspirar-se a este toda a sorte de receios de seus pais, mostrando-lhe quanto seria agradável a Deus o sacrificio de abandonar o lar doméstico, às ocultas dos pais. Conseguindo isto, enviá-lo-hão para um noviçado muito afastado, prevenindo o Geral. Induzir as viúvas e outras personagens importantes a dar toda a sua fortuna à Companhia, reservando-se unicamente o usufruto.

Ter médicos dedicados junto dos enfermos para que sejam chamados nos últimos momentos.

Dizer às mulheres casadas que lastimam a vida desregrada de seus maridos, que podem ceder em segredo algumas somas para expiar os pecados de seus maridos e obter do céu o seu perdão.

CAPITULO DÉCIMO

Despedir da Companhia qualquer individuo que mostre mais afeição à sua familia do que à Companhia, despedindo igualmente todos os outros que mostrarem escrupulo em adquirir bens para ella.

CAPITULO DÉCIMO PRIMEIRO

Alcançar daqueles que são despedidos a promessa escrita ou por meio de juramento que jámais dirão ou escreverão coisa que prejudique a Companhia; escrever a todos os colegas, maldizendo os que tiverem de ser despedidos, «exagerando os motivos do seu afastamento»; espionar e tornar público tudo o que apurarem contra elles. Se, porém, não praticarem actos dignos de repreensão, deverão atenuar por meio de discursos tudo o que poderem fazer digno de louvor.

CAPITULO DÉCIMO SEGUNDO

Conservar na Companhia os confessores dos grandes e todos aquêles que conheçam segredos, assim como os velhos que servirão para contar aos superiores as faltas que notarem entre os outros, afim de se evitar a má reputação da Companhia. Igualmente serão

conservados os homens ricos até ao momento em que se resolvam a fazer doação de toda a sua fortuna à Companhia, que não lhes deve recusar coisa alguma, mas logo que a doação seja um facto, começarão a mortificá-los como aos outros».

CAPITULO DÉCIMO TERCEIRO

Escolher os mancebos espirituosos, elegantes, nobres e ricos, rodeá-los de uma particular afeição, mostrando-lhes quanto a Deus é agradável que lhe consagrem a sua vida com tudo que possuem, ao mesmo tempo que lhes vão oferecendo algumas ddivas e, se não obedecem ao chamamento divino, então amedrontá-los com as penas eternas.

Adverti-los de que não devem participar a sua vocação a nenhum dos seus amigos, nem a seus próprios pais, enquanto não derem entrada na Companhia, separar os filhos de suas familias, mandando-os para universidades longinquas.

CAPITULO DÉCIMO QUARTO

Afastar da Companhia todo aquêlle que alguma vez tenha praticado algum mau acto contra ella, contra a sua honra ou proveito próprio. Se um confessor souber, por pessoas estranhas que se cometeram atos vergonhosos com alguma pessoa da Companhia, não deve absolvê-las sem que primeiro digam o nome daquêlle com quem pecaram e, dizendo-o, fazê-las jurar que nunca o dirão a ninguém, sem que a Companhia lho consinta. Se dois jesuitas tiverem pecado, por obras, contra a castidade, aquêlle que o declarar primeiramente será conservado na Companhia, sendo o outro expulso. Maltratar todo aquêlle que se tenha em vista expulsar, collocando-o sob as vistas de superiores severos, que o afastem de funções honrosas até que comece a murmurar; caluniá-lo, censurá-lo, dar-lhe rudes castigos, humilhá-lo em público, apresentando-o como um individuo pernicioso à Companhia.

CAPITULO DÉCIMO QUINTO

Procurar as confissões das religiosas! pois que as abadesas ricas e nobres podem servir de grande auxilio à Companhia, tanto por si como por seus amigos e parentes.



A MAIS ECONÓMICA,

A MAIS MODERNA

A QUE REUNE

TODOS OS

APERFEIÇOA-
MENTOS,

A MAIS
SOLIDA

1 Watt
por vela
5 a 100 velas
110 volts

1 Watt por vela
10 a 100 velas

220 volts

1 1/2 Watt por vela
110 e 220 volts
10 a 6.000 velas

Peçam em toda a parte a lâmpada

“SERENA”



ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura

Ano	1\$200 rs.
Semestre	600 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "
Número avulso	80 "

Preço das publicações

Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Anuncios, não judiciaes, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Do Cidadão

(1) Estudo escrito por A. Andrei, em seguida à revolução de 1870 e numa ocasião em que os Jesuitas mais trabalhavam para fazer da França o seu *Albergue*.

(2) Nota do tradutor: «O dr. Melo de Moraes, afirma na sua *Corografia Histórica do Império do Brasil*, que na biblioteca do Rio de Janeiro existe um autógrafo da *Mónita Secreta*, que o padre Frei Caminho do Monte diz ter sido encontrado no colégio dos padres da Companhia, em Lisboa, no ano de 1759.»